



a recuperação do centro

em debate

POR VANESSA BARBARA
(COLABORARAM PAULA BARROZO E SERENA CALEJÓN)

Há uma rica discussão sobre reformas no Centro de São Paulo, patrimônio histórico da cidade. Revitalizar é elitizar? O que falta e o que não deve haver no Centro?

“Morreu alguém?” Debruçadas sobre a amurada do viaduto do Chá, dezenas de pessoas tentavam adivinhar o que um carro de bombeiros, duas viaturas da polícia e uma unidade de resgate faziam lá embaixo. “Até agora ninguém sabe”, respondeu um dos curiosos ao recém-chegado, que tinha afastado uma mesa da calçada para poder olhar melhor. A vidente não estava mais lá, mas deixou a bola de cristal e um baralho em cima da toalha branca para quem quisesse tentar descobrir por conta própria. Uma moça concluiu: “Ah, acho que um pára e todo mundo

está parando”. E logo as pessoas se dispersaram sem saber se tinha acontecido algum acidente, se iria ocorrer uma inauguração ou implosão, se estavam filmando um comercial ou se alguém realmente precisava de socorro.

Desde os anos 70 o Centro de São Paulo é oficialmente dado como morto – e inúmeras ambulâncias têm aparecido para ressuscitá-lo, sob o olhar curioso dos que passam por ali. O processo de deterioração da área teve início com o desenvolvimento urbano rumo a outras regiões da cidade (fruto de decisões não só do poder público, mas também da iniciativa privada), a evasão de empresas e bancos para

outros subcentros e a vinda de um contingente cada vez maior de pessoas das classes populares, que tomaram para si um espaço residual da cidade então rejeitado pelas classes mais altas. No livro *Centralidade em São Paulo* (Cortez/Edusp, 2000), o sociólogo Heitor Frúgoli Jr. registra a existência de projetos de revitalização no Centro desde a gestão Olavo Setúbal (1975-79). Para o ex-prefeito, era preciso deter a progressiva deterioração a fim de que a área não se convertesse em “foco para onde convergem todas as deformações urbanas, no campo social, desde o subemprego até a marginalidade e o crime”. Nas administrações municipais que se seguiram, houve algumas intervenções na área, mas somente a partir da criação da ONG Viva o Centro, durante a gestão de Luiza Erundina (1989-92), a idéia da revitalização ganhou força.

Por tudo isso, não se pode dizer que o Centro morreu. As pessoas que se aglomeram no viaduto do Chá, os bancários, os cinco mil moradores do edifício Copan, as videntes, os engraxates, os estudantes de Direito, os monges, as prostitutas, os funcionários públicos, os office-boys, os comerciantes e um pessoal que vende Mata-Verme na praça da Sé são provas de que o Centro tem vida, sim. Só precisa de mais atenção.

Revitalização ou elitização?

“Falta manutenção, zelo, conservação, policiamento, atendimento social...”, diz o engenheiro Marco Antonio Ramos de Almeida, presidente da diretoria executiva da Viva o Centro e conselheiro da Fundação BankBoston. “Falta um sistema diferenciado e melhor de gestão. Sempre compare o Centro a uma estação de metrô: uma área extremamente pequena onde passa uma enorme quantidade de pessoas.”

A Associação Viva o Centro foi fundada em 1991 com o objetivo de relacionar interesses de proprietários de imóveis localizados em áreas degradadas com os interesses mais amplos da região onde esses imóveis se localizam. A base dos associados era nitidamente empresarial e depois se ampliou com o apoio de outras instituições. Segundo o diretor, a intenção é mobilizar a sociedade e os governos “para que todos esses organismos (empresas, órgãos públicos, enti-



Largo São Bento: exposição de “árvores”

dades profissionais etc.) vejam os aspectos importantes do Centro e atuem no sentido de valorizá-lo e fazer com que ele dê o maior retorno possível para a cidade”.

Uma das principais metas dos projetos de revitalização é “atrair uma gama de pessoas que venham agregar valor

Restaurar a identidade de São Paulo é o primeiro passo para conseguir “vendê-la”, atraindo turismo e novas empresas. “Quando alguém fala em Paris, Londres, Nova York, o que vem à cabeça das pessoas é o centro”, diz Ramos de Almeida

à cidade”. Sob essa óptica financeira, o Centro é visto como uma área que dá identidade à metrópole, tanto para os cidadãos quanto para os estrangeiros, e por isso é também uma espécie de marca com grande valor simbólico. Restaurar a identidade de São Paulo é o primeiro passo para conseguir “vendê-la”, atraindo turismo e novas empresas. “Quando alguém fala em Paris, Londres, Nova York, o que vem à cabeça das pessoas é o centro dessas metrópoles. Quando alguém fala em Paris, por exemplo, a primeira coisa que vem à cabeça não é o La Defense, o novíssimo bairro que abriga as sedes de multinacionais, prédios de aço e vi-

dro lá em Paris, e sim os Champs-Élysées, o Quartier Latin. É a região central”, diz Ramos de Almeida.

Os primeiros dez anos da ONG foram dedicados a criar as bases da recuperação: efetuar diagnósticos e motivar a sociedade civil, o governo e a mídia. Agora é a fase da implementação. Até o momento, as grandes conquistas foram na área cultural e de patrimônio histórico: a construção da Sala São Paulo de música erudita, o planejamento do boulevard São Bento, o restauro do viaduto do Chá e do viaduto Santa Ifigênia, a reforma da Pinacoteca, a reestruturação da praça do Patriarca e a construção do Centro Cultural Banco do Brasil, do Teatro Abril e da Estação Pinacoteca.

pria ONG, como os projetos desenvolvidos pelas Ações Locais Boa Vista e São Luís, que tratam da reinserção da população de rua local e organização cooperativa dos catadores de papel.

O debate sobre a revitalização do Centro, portanto, envolve pelo menos duas correntes de opinião: há os que defendem a necessidade de recuperar a área como forma de preservar, reestruturar e revalorizar porções degradadas (com vistas a atrair investimentos e turistas) e os que vêem a iniciativa como *gentrificação*, isto é, a expulsão dos moradores de baixa renda e elitização/museificação do local.

Victor Brecheret e um Moisés, do Liceu de Artes e Ofícios. Encostadas em um canto estão duas taças enormes de valor artístico e utilidade desconhecidas – “Isso aí eu não sei o que é, não”, diz um dos seguranças – e o busto de Almeida Júnior, paulista na sensibilidade e universal no gênio, que dá nome aos dois salões de exposições do MASP Centro. Tanto a galeria quanto a nova praça são locais de passagem, esta última cercada de instituições de crédito e escadas rolantes. Há apenas duas árvores no local. Os únicos bancos da praça são o Unibanco, o Mercantil e o Banco do Brasil.

Durante o plantão, os guardas Edson, Mário e Eduardo olham o movimento, fazem comentários depreciativos de

“Se essa rua fosse minha / eu mandava ladrilhar”

As aglomerações na praça da Sé, comparadas ao vôo de sacolas de plástico na passarela do Patriarca ou às portas fechadas da Sala São Paulo – com estacionamento para seiscentos veículos –, revelam o ponto principal dos projetos: não a revitalização, mas a reocupação do Centro. No caso, os excluídos seriam as classes médias e altas. “Tem um autor italiano que fala em voltar para a ‘ágora’, mas tem o contraponto de que segurança vem em primeiro lugar. Então, se não tiver segurança, há lugares aonde ninguém vai, por causa do medo de assaltos. A civilidade pressupõe segurança”, diz o arquiteto e historiador Benedito Lima de Toledo.



Praça da Sé, largo da Memória, Anhangabaú e viaduto Santa Ifigênia: espaços de passagem ou de convívio?

A galeria Prestes Maia, um corredor vazio, e pichações na avenida Ipiranga

Na área empresarial e institucional, destacam-se a permanência no Centro da sede da Bovespa e da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) e a volta da Prefeitura e das secretarias estaduais e municipais.

Heitor Frúgoli Jr. chama a atenção para o fato de que a Viva o Centro incorpora em si uma certa heterogeneidade, mas não consegue abarcar um conjunto tão plural de demandas nem pretende priorizar as necessidades mais ligadas às camadas populares. Muitas das intervenções têm um forte caráter excludente do ponto de vista social e se pautam por interesses dos proprietários de imóveis. Por exemplo, defende-se a expulsão da população “indesejável” (camelôs e moradores de rua) com base em razões que vão da concorrência desleal do comércio informal a interesses relacionados à valorização do patrimônio imobiliário, sem que se ofereçam projetos concretos ou possibilidade de escolha. Nas palavras do sociólogo, trata-se de “intervenções urbanas em que o Centro permaneceria utilizado por classes populares hipotéticas, já que são intervenções caracterizadas por representações particulares em que não cabem a pobreza, o desemprego e a inserção no mercado informal, além de não aceitar sua presença social em massa nos espaços públicos”. Há obviamente exceções dentro da pró-

Praça do Patriarca e praça da Sé

“Aglomeração, aqui, só quando aparece um homem-estátua.” A frase é de Edson Bueno, guarda da polícia civil metropolitana que faz plantão na praça do Patriarca, um espaço vazio onde pouca coisa acontece, para o bem ou para o mal. “Era uma praça... fizeram uma passarela. Virou mais um pedaço do calçadão”, diz.

A praça do Patriarca foi restaurada em 2002 por iniciativa da Prefeitura e da associação Viva o Centro. Os resultados foram a recuperação do piso de mosaico português, a remoção dos terminais de ônibus e a construção de um pórtico-cobertura assinado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha. O pórtico protege a entrada da galeria subterrânea Prestes Maia, que leva ao Anhangabaú, e traz exposições do Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Apesar da placa, muita gente não sabe o que existe lá embaixo. “Isto aqui é a cobertura do metrô”, disse um moço sentado no chão, junto ao muro das escadas rolantes (na praça não há lugar para se sentar). “Você desce pra pegar o metrô”, ele completa. Segundo o guarda Edson, as pessoas acham que, se descerem a escada rolante, vão sair do outro lado.

Lá embaixo, a galeria Prestes Maia é um corredor vazio com três seguranças e três obras de arte: duas Graças de

cunho arquitetônico, dão indicações de endereço e fornecem informações turísticas (“Naquela igreja se escondiam os escravos e ali é o hotel Cálton, quer dizer, o Othon”). Depois de acompanhar, sincronizados, o vôo de uma sacola de plástico em direção ao Anhangabaú, eles mostram a estátua de José Bonifácio, o Patriarca da Independência, e dizem: “Foi um português aí que fez isso”. A estátua está posicionada de costas para a praça, quase na esquina da rua São Bento.

Na praça da Sé, também José de Anchieta está de costas para a catedral e segura uma cruz. Ao pé da estátua, um homem se aproxima e aconselha: “Cuidado que aqui é perigoso. Você vem e cai fora”. O conselho é ignorado por uma multidão variada que se espalha por todo o local, às vezes em cadeiras próprias: dezenas de engraxates, homens-sanduíche, barbeiros, aposentados de boina, sujeitos tocando sanfona, turistas, vendedores de bolas infláveis, sorveteiros, moradores de rua e enormes painéis de canjica a cinquenta centavos. Nas aglomerações, as celebrações também são diferentes: de pregadores evangélicos vestindo terno a um sujeito que vende uma bebida Mata-Verme de cor marrom e mostra potes cheios de lombriga para os passantes.

“E depois não tem aquele negócio de ‘você vai ao centro, não leva dinheiro nenhum’. Então você tem que se preparar para uma guerra?”

Três anos antes da criação da Viva o Centro, o movimento Defenda São Paulo já se dedicava a reunir associações de bairro para trabalhar em projetos de revitalização por toda a cidade. Segundo Iênidis Benfatti, diretora de novas tecnologias da entidade, o erro na região central foi deixar se degradar. Isso afastou a população da área. Para Maria de la Assunción Blanco, membro da comunidade do bairro do Pacaembu (Viva Pacaembu), a única maneira de revitalizar o Centro é deixar que as pessoas cheguem até lá, “porque pelo minhocão ninguém vai”. Somente ao abrir esse caminho é que haverá maior ocupação, do contrário os esforços para recuperar a região serão inúteis. “A praça do Patriarca é um exemplo: bonita, arrumada... Podemos até fazer uma discussão sobre a plataforma. Se tira ou não tira é outra história. Mas está recuperada. E o que acontece depois das 5 da tarde, antes disso, quando quem trabalha ali sai dos escritórios? Enche de camelôs, que ficam inclusive na porta da Prefeitura, e aquilo vira uma cidade fantasma, porque não tem gente circulando. Só tem trabalhador... e aí nada vai se recuperar”.